



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

ATIVIDADES RECREATIVAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESPECIALIZADO NO CARIRI CEARENSE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lara Suele Ferreira da Silva (URCA)¹, Michelly Arruda Alencar (URCA)¹, Geysa Cachate Araújo de Mendonça (URCA)²

¹Discentes da Universidade Regional do Cariri – URCA; ²Docente da Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência a partir de vivências com atividades recreativas em uma instituição de ensino especializado. O objetivo deste trabalho foi descrever a experiência a atuação das estagiárias da disciplina de Estágio Supervisionado V do curso de Educação Física em uma Instituição de Ensino Especializado na cidade de Juazeiro do Norte – CE. As turmas eram compostas por 5 crianças com idade entre 8 e 10 anos, em sua maioria com TDAH, TEA e Síndrome de Down. Escolhemos trabalhar atividades recreativas baseadas na abordagem da psicomotricidade visando desenvolver os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores. Concluímos que, independentemente das dificuldades e barreiras encontradas em trabalhar com atividades recreativas com crianças com diferentes necessidades, conseguimos atingir a maior parte dos objetivos propostos nos planejamentos em sala de aula, o curto período de estágio possibilitou uma vivência enriquecedora para nossa vida acadêmica e profissional.

Palavras-chave: estágio supervisionado, relato de experiência, recreação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência das acadêmicas a partir das vivências com atividades recreativas em uma Instituição de Ensino Especializado da disciplina de Estágio Supervisionado V, que trata da Educação Física Adaptada, considerada obrigatória como componente curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Segundo a resolução CNE/CP 02/2015 no art. 13, define o estágio supervisionado como “componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico”. [1] Dessa forma, a disciplina possibilita aos acadêmicos experiências no campo de atuação para a prática docência na Educação Física Especial. Nesse sentido, para Neto, De Jesus e Anjos [2], essa experiência proporciona um trabalho com indivíduos com necessidades especiais como, por exemplo, transtornos globais de desenvolvimento, deficiência física, cognitivas e entre outros.

No que se refere à atuação em instituições de ensino especializado, observa-se que os profissionais possuem formação adequada para estruturar o ensino direcionado, atendendo cada aluno com diferentes deficiências ou necessidades. Em vista disso, o professor de Educação Física nesses ambientes, prioriza incluir e oportunizar os alunos com diferentes deficiências a participarem ativamente das aulas, [3] com a possibilidade de atuar juntamente



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

com outros profissionais da saúde como, por exemplo, psicólogos, terapeuta ocupacional e entre outros.

Embora o Artigo 58 da LDB [4] aponta que a Educação Especial:

Entende-se por educação especial, para as ofertas desta lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotações.

No Art. 58, parágrafo 2º [4], traz que o ensino especializado pode também ser realizado em instituições especializadas quando a condição específica do aluno não permite a integração do mesmo em classes comum de ensino regular, no qual se contradiz o direito de inclusão no ensino regular. Sendo assim, é perceptível o direito das pessoas com deficiência e outras necessidades terem uma educação voltada para as suas especialidades. Em contrapartida, nota-se que o cenário desses alunos ainda está longe do ideal de acordo com o que é esperado pelos diretos. Isso explica na observação em determinadas escolas pela falta de espaço, materiais e estímulos, sendo que os professores ainda estão despreparados para conviver com a quantidade de alunos que apresentam especificidades diferentes nas aulas. Por outro lado, apesar da formação dos professores que são preparados nas instituições especializadas, percebemos que o problema se repercute em turmas com diferenças individuais. Com isso, podendo dificultar no desenvolvimento e envolvimento desses alunos para participar mais nas atividades do cotidiano de ensino.

Para Costa, Moreira e Júnior, [2,5] os professores de Educação Física podem planejar atividades voltadas para jogos recreativos, de modo que trabalhe com a abordagem da psicomotricidade, possibilitando a superação e socialização dos alunos e melhorando o ponto de vista psicossocial em conjunto com a família. Acrescenta-se, a necessidade algumas modificações e adaptações das atividades para a inclusão da pessoa com deficiência. Dessa maneira, utilizamos atividades recreativas com base na abordagem da psicomotricidade, após a observação das aulas em uma instituição especializada.

Acreditamos na importância de trabalhar com jogos recreativos, pelo fato as turmas serem compostas por crianças, proporcionando inúmeros benefícios, como por exemplo, na interação entre o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo, a partir da perspectiva psicossocial, buscando estratégias e metodologia para a inclusão.

O objetivo deste trabalho foi descrever através de um relato de experiência a atuação das estagiárias da disciplina de Estágio Supervisionado V do curso de Educação Física em uma instituição especializada na cidade de Juazeiro do Norte – CE.

CONHECENDO A INSTITUIÇÃO, CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS, PLANEJAMENTO E DINÂMICA DAS AULAS

A regência do estágio foi em uma instituição de ensino especializada localizada no centro sul do estado do Ceará, especificamente na cidade de Juazeiro do Norte. A instituição oferece atendimento a pessoas com diferentes tipos de deficiências como, por exemplo, Síndrome de Down, Transtorno do Déficit de Atenção com hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiências Físicas e intelectuais, com diferentes faixas etárias. Possui uma infraestrutura organizada, com estacionamento para funcionários, sala para a direção, várias salas de aulas, como de música, para atividades pedagógicas e para as atividades de Educação Física, um pátio razoavelmente grande coberto ao lado do



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

refeitório, cozinha, banheiros comuns adaptados, duas piscinas ao ar livre sem cobertura, sendo uma para adultos e outra para crianças, no entanto, não existe quadra poliesportiva.

Cada professora atende em sala de aula cerca de 5 alunos, sendo que, com a professora de Educação Física não possui diferença na quantidade de alunos por turma, no qual há um rodízio de alunos entre as turmas toda semana, ou seja, podendo reunir alunos de diferentes turmas. As aulas de Educação Física possuem 45 minutos de aula para cada encontro e um intervalo de 30 minutos para lanche. O período total de regência foi de 6 semanas, totalizando 24 horas aulas divididas em 4 horas por semana, sendo a primeira de observação e as demais de atuação.

Foram listadas possíveis instituições disponíveis pelo (a) coordenador (a) dos estágios do referido curso na cidade de Crato e Juazeiro do Norte, para que os acadêmicos tivessem livre e espontânea vontade de escolha. Após isso, fomos realizar uma visita para obter informação dos dias e horários disponíveis na semana. O estágio aconteceu de forma presencial, respeitando o calendário previsto do estágio supervisionado.

O primeiro dia de observação deveria ter ocorrido em sala de aula, mas aconteceu de forma diferente do que esperávamos, devido à abertura do evento da VII Olimpíadas Regional entre as instituições especializadas do Cariri, que coincidiu com o nosso dia de observação tivemos que nos deslocar até a cidade do Crato-CE para acompanhar a culminância do evento. Dessa maneira, não podemos observar a dinâmica da professora na sala de aula. Devido a esse cenário, optamos por incluir mais uma aula de observação para termos a vivência de observar os alunos em sala de aula com a professora. A partir disso, notamos que as aulas de Educação Física eram com base em atividades recreativas, entretanto não havia dinâmicas ou brincadeiras direcionadas aos alunos pela professora, as atividades eram desenvolvidas de acordo com os desejos dos alunos, ou seja, cada um fazia o que tinha mais afinidade.

Para Rezende, Moreira e Torres [6], nas práticas pedagógicas a psicomotricidade pode atuar de forma positiva no desenvolvimento global das pessoas com deficiência, e oportunizar diferentes práticas pode melhorar no aprendizado e desenvolvimento motor. Dessa forma, é fundamental que os profissionais conheçam a importância de estimular através dessa abordagem, pois proporciona uma vida saudável e produtiva com interação. Em vista disso, escolhemos trabalhar atividades recreativas baseadas na abordagem da psicomotricidade com o intuito de trabalhar com os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores. Buscamos trazer dinâmicas e brincadeiras que fizessem com que as crianças interagissem entre si, e saíssem da zona de conforto que estavam habituados e tivessem novas vivências e experiências.

As experiências foram em sala, como também na piscina. Para cada aula planejada, buscamos construir um plano que atendesse diferentes faixas etária e especificidades, visto que as turmas eram formadas com alunos de salas diferentes, no qual não prevíamos os alunos que iriam participar das aulas. Com base nisso, os planos de aula foram pensados nessas características das turmas, a fim de incluir todos os alunos em uma mesma atividade em que havia uma flexibilidade para repensar em outras possibilidades de adaptação.

Os planos de aulas eram compostos por objetivos, atividades a serem desenvolvidas, materiais utilizados e avaliação a fim de obtermos respaldo ao fim das aulas. Entendemos que planejar é traçar, delinear, programar e elaborar um roteiro com o intuito de desenvolver conhecimentos, de proporcionar vivências múltiplas e significativas em torno de um determinado tema. O planejamento além de flexível permite ao educador pensar e repensar, revisar e buscar novos significados para a sua prática pedagógica. [7]

Utilizamos a ludicidade, como contações de histórias, para envolver as crianças, mas percebemos que as atividades propostas no primeiro dia de aula não eram suficientes para



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

suprir a quantidade de tempo de aula, como também as necessidades dos alunos, pois aqueles que apresentavam TDAH tinham muita dificuldade para se manter na mesma atividade por muito tempo. Nesse sentido, os planos de aula seguintes tiveram um número de atividades maior e foram trabalhados em sala com diferentes variações.

Vale relatar um momento positivo da experiência com uma aluna que apresentava TEA e ausência de fala, e que segundo a professora de Educação Física da instituição não se envolvia nas aulas e ficava apenas brincando de boneca e jogo da memória, na nossa experiência ela participou ativamente das atividades propostas.

As aulas realizadas nas piscinas eram também voltadas para atividades recreativas e as turmas de regência eram a mesma faixa etária dos alunos da sala de aula. Fizemos o planejamento, separamos atividades e objetivos e metas a serem cumpridas, mas diferente das aulas na sala, não tivemos muito sucesso, os alunos ficaram muito dispersos, não queriam se engajar nas atividades e o tamanho da piscina pequena era uma das limitações, pois a quantidade de alunos era muito superior ao que ela podia comportar.

Durante o estágio uma das estagiárias testou positivo para Covid-19, visto que a experiência foi realizada durante a pandemia da síndrome respiratória. Com isso, houve a necessidade de paralização das aulas para evitar a contaminação dos alunos, e consequentemente tornando a conclusão do estágio um pouco conturbada. Tendo em vista que o período para estágio era considerado de curto prazo, a última aula ocorreu na culminância junina, onde tivemos que acompanhar e dar suporte na comemoração de São João.

CONCLUSÃO

Concluimos que, independentemente das dificuldades e barreiras encontradas em trabalhar com atividades recreativas com crianças com diferentes necessidades, conseguimos atingir a maior parte dos objetivos propostos nos planejamentos em sala de aula, por outro lado, se tratando das aulas na piscina não conseguimos obter tanto êxito.

Este momento de regência fez refletir sobre a importância da abordagem da psicomotricidade, com atividades recreativas, podendo atuar positivamente no desenvolvimento das crianças com TDAH, TEA e Síndrome de Down e, enquanto futuras profissionais, essa vivência contribuiu para melhores planejamentos das aulas futuramente.

Espera-se que os próximos estágios possam regularizar e proporcionar mais tempo de vivência para os alunos da disciplina de Estágio Supervisionado V, pois não houve tempo para ressignificar estratégias de intervenção no ambiente aquático e obter êxito nas aulas. Por fim, o curto período de estágio possibilitou uma vivência enriquecedora para nossa vida acadêmica e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri-URCA, as professoras supervisoras da disciplina de Estágio Supervisionado V, em especial a professora Geysa Cachate que nos acompanhou de perto durante essa jornada, e aos professores organizadores do evento IX Seminário de Estágio Supervisionado por proporcionar o momento de trocas de experiências de estágio entre os alunos do curso.



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil. Conselho Nacional de Educação e Conselho Pleno. Resolução nº 2, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada 1 jul 2015.
2. Neto, FNC; De Jesus, FS; Dos Anjos, WFC. Educação Física na educação especial: A partir de atividades recreativas contribuindo para o aprendizado e desenvolvimento dos indivíduos da APAE. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação-SIMEDUC, n. 7, 2016.
3. Dresch, DJ. Educação Física na Educação Especial. Santa Rosa. Monografia [Licenciatura em Educação Física] - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, 2017.
4. Brasil. Lei Nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.
5. Aguiar, JSD; Duarte, E. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. Revista Brasileira de Educação Especial 2005, 11, 223-240.
6. Rezende, LMT; Moreira, OC; Torres, JO. Importância do trabalho psicomotor em aulas de educação física para pessoas com deficiência. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício 2014, 8, 485-493.
7. Araújo, FP. Planejamento Pedagógico na Educação Infantil. 2010. 35f. Monografia (Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica) – Universidade Candido Mendes, Niterói – RJ, 2010.